



**Discurso nº01**

**Brasília, 19 de março de 2019**

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, venho a esta tribuna para falar sobre um tema de extrema importância: a saúde mental.

Falar de saúde mental, é, portanto, falar de dia a dia, de convivência. É sustentar as contradições humanas da maneira como aparecem – desconcertantes, sem aviso prévio, sem compreensão imediata. É respeitar os sujeitos pela história singular de cada um, e pensar que cada um enfrenta batalhas muito particulares na vida, recorrendo a diferentes ferramentas. É acolher em vez de excluir, principalmente na atualidade, quando grupos de pessoas “iguais” se fecham em uma redoma de falsa segurança.

A saúde mental não se restringe a transtornos ou a doenças mentais. Ela diz respeito ao nosso modo de estar no mundo, às nossas relações com as outras pessoas e à nossa postura perante o mundo em que vivemos. Tem a ver com sofrimento tanto quanto com felicidade.

A impossibilidade de se manter um diálogo no Facebook porque os argumentos contrários se transformam em ofensas tem a ver com a nossa convivência com o outro e a com a diferença, assim como a intolerância ao voto de quem escolheu um candidato diverso do nosso. O enfraquecimento dos laços amorosos e um sistema que define sucesso pelo consumo e pela acumulação também dizem respeito aos sujeitos no mundo. Falar de saúde mental, é, portanto, falar de dia a dia, de convivência.

A saúde mental permanece estigmatizada no Brasil e no mundo: nos casos em que há transtornos, a tendência é esconder ou ignorar o problema, inclusive dentro da família. Neste silêncio, casos se agravam e pessoas deixam de buscar ajuda.

Especificamente no caso brasileiro, tivemos, recentemente, tragédias que colocaram esta questão em pauta. No último dia 13, cinco estudantes e dois funcionários da escola Raul Brasil foram mortos por dois ex-alunos. Os dois também morreram no ataque. Antes de invadirem a escola, um dos atiradores matou o próprio tio. Na sexta-feira, dia 15 de março, um professor de violino da Escola de Música de Brasília invadiu a sede da Secretaria de Educação, no Setor Bancário Norte. Ele estava armado com uma faca e uma besta (espécie de arco e flecha). Ontem, equipes da Polícia Militar fizeram varredura no colégio da rede pública Gisno, na 907 Norte, pois nas publicações postadas no Facebook e outras redes sociais, os menores usavam máscaras e diziam que iam colocar três bombas na escola.

O que estes casos têm em comum?

Em um mesmo tempo e espaço, o direito e as novas tecnologias coexistem, sendo impossível não pensar as novas práticas sociais de maneira alheia ao avanço global das modalidades de mídia e comunicação. Se voltarmos no tempo, ainda incipiente, a ideia de uma conexão de dados computadorizada data originalmente da metade do século passado. Segundo Manuel Castells, foi no fim do segundo milênio da Era Cristã que inúmeros acontecimentos transformaram a sociedade e vida humana como um todo. Ao novo momento que atravessamos, dá-se o nome de “Era da Informação” ou “Sociedade em Rede”, cujas mudanças, fruto principalmente da globalização e do neoliberalismo e seus efeitos, acabam por gerar efeitos colaterais nas mais diversas esferas individuais e coletivas.

A tecnologia e a internet modificaram o comportamento humano e hoje vivemos o ápice dessa modernização. Estamos permanentemente ligados, conectados, cercados de informação por todos os lados e o tempo todo, inclusive na infância.

Entre as principais consequências à saúde referentes ao uso demasiado da tecnologia por crianças e adolescentes estão aumento da ansiedade, dificuldade de estabelecer relações em sociedade, estímulo à sexualização precoce, adesão ao cyberbullying, comportamento violento ou agressivo, transtornos de sono e de alimentação, baixo rendimento escolar,



obesidade, lesões por esforço repetitivo, exposição precoce a drogas, entre outros. Todos com consequências danosas tanto para a saúde física e mental individual como para a saúde familiar, escolar e da comunidade.

## **Discurso nº02**

**Brasília, 20 de março de 2019**

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, venho a esta tribuna prestar solidariedade aos familiares da tragédia em São Paulo. Sou pai de três filhos e avô de seis netos. Não consigo imaginar a dor de uma família ao deixar o filho na escola, onde deveria estar protegido e, recebe-lo da forma exposta. Deve ser uma dor insuperável.

Há uma semana, o País foi abalado com a notícia do ataque realizado por dois jovens encapuzados que atacaram a Escola Estadual Raul Brasil, em Suzano - São Paulo.

Ao longo da última semana, fatos e histórias relacionados ao crime têm sido descobertos e noticiados pela imprensa. Sabe-se, por exemplo, que tanto Guilherme quanto Luiz Henrique eram ex-alunos da escola. Sabe-se que Guilherme, abandonou os estudos no ano passado, provavelmente devido ao *bullying*, foi criado pelos avós, e que sua mãe, Tatiana Tucci, luta contra a dependência química. Sabe-se que os dois jovens eram fãs de videogames e gostavam de jogos violentos. Que frequentavam a chamada *deep web*, a área sombria e frequentemente ilegal da rede, onde participavam de fóruns virtuais, nos quais receberam orientação para planejarem o atentado.

Em meio a tantos detalhes, o esforço da mídia e da sociedade como um todo tem sido o de buscar relações de causa e efeito entre eles. Mas isso tem riscos. O primeiro é que as investigações estão em andamento e, até terminarem, não se pode ter plena clareza das motivações do crime.

O segundo risco é o de reforçar estereótipos, que não necessariamente dão conta do anseio de “encontrar culpados”. Será o videogame o vilão? As questões familiares de Guilherme desempenharam algum papel? A *deep web*, em si mesma, é um risco? O *bullying* foi o fator primordial? Foi a soma de todos eles? Havia problemas psicológicos?

Tivemos, recentemente, em Brasília outros casos referentes à violência nas escolas. Na sexta-feira, dia 15 de março, um professor de violino da Escola de Música de Brasília invadiu a sede da Secretaria de Educação, no Setor Bancário Norte. Ele estava armado com uma faca e uma besta (espécie de arco e flecha). Na segunda-feira, equipes da Polícia Militar fizeram varredura no colégio da rede pública Gisno, localizado na 907 Norte, pois nas publicações postadas no *Facebook* e outras redes sociais, os menores usavam máscaras e diziam que iam colocar três bombas na escola.

Infelizmente, a violência é um marcador comum à juventude do século vinte e um, muito mais que nas gerações anteriores. Definir o que significa violência não é algo fácil. Muitos autores, em muitas áreas do conhecimento já buscaram essa definição, com muitos conceitos variados. Porém, o que não se pode deixar de observar é que o problema da violência nas escolas é uma questão complexa e multifacetada.

A violência nas escolas contemporâneas é uma realidade vivida por muitos professores, alunos, gestores, comunidade escolar como um todo. E isso não acontece apenas em escolas da periferia ou escolas públicas. Casos de violência acontecem todos os dias em instituições públicas ou particulares, do bairro ou do centro da cidade.

Acredito que devemos crer que em um ambiente que deveria ser de aprendizagem, de construção de conhecimento, de interação e cidadania não deveria ter que lidar com conflitos que não fazem parte do universo escolar. Isso porque se pensa a escola, enquanto instituição



do conhecimento, se pensa também no bem-estar e na convivência pacífica entre seus sujeitos. Não podemos fugir do ideal de uma vivência democrática e de solidariedade.

O lugar de geração de conhecimento e desenvolvimento da pessoa se transforma repentinamente no palco da barbárie e, mesmo em uma sociedade extremamente violenta, é gerada dor que não se consegue descrever e a sensação de total impotência em face da violência se torna mais palpável, pois nem mesmo no ambiente símbolo da segurança e do desenvolvimento há proteção.

O caminho para acabar com a cultura da violência é a educação. A escola é um espaço de sociabilidade, não um campo de guerra. É onde se conhecem e se praticam os valores da democracia, onde se aprende a respeitar a diversidade, a lidar com as diferenças. A tragédia de Suzano mostra que é hora de o Brasil unir forças e competências para compreender o que houve e impedir a repetição de massacres como este. Como homem público, levo meu empenho para trazer para o Distrito Federal e ao País a cultura da paz.

### ***Discurso nº 03***

**Brasília, 08 de agosto de 2019**

Presidente, Deputada Arlete Sampaio, Sras. e Srs. Deputados, hoje nós tivemos uma sessão solene em homenagem ao Dia do Economista e tivemos a palestra do Economista Bruno, da Codeplan. Tivemos a presença, também, Deputado Chico Vigilante, Deputado Fábio Felix, do Presidente do Conselho Regional de Economia e nos foi trazida uma série de informações, Deputado Prof. Reginaldo Veras, a respeito da economia do Distrito Federal.

Hoje muitos pontos positivos e muitas preocupações. Os pontos positivos é que nós temos a maior quantidade de pessoas com mestrado e doutorado no Brasil. Nós temos 181 mestres ou doutores para cada 100 mil habitantes. Quem chega mais próximo disso é Curitiba e São Paulo e chega, praticamente, à metade desse número.

Nós temos também outros dados curiosos. Em média, nós temos quase 61% das pessoas que frequentaram pelo menos 11 anos de escola. Nós temos a maior renda per capita do Brasil com 2.5 acima da média. Como temos também a segunda maior desigualdade social.

A ONU considera na linha da miséria, Deputado Chico Vigilante, quem ganha \$1,90 (um dólar e noventa centavos) por dia. Significa dizer que quem ganha até \$1,90 (um dólar e noventa centavos) está na linha da miséria. Ao mesmo tempo em que Brasília tem a maior renda per capita, nós temos indicadores de miséria, como é o caso de Santa Luzia, na Estrutural, em que o indicativo é inferior a essa linha da miséria. Ou seja, nós temos três Brasília's. Nós temos uma Brasília com IDH – Índice de Desenvolvimento Humano —, compatível com os países europeus; nós temos uma Brasília-Brasil, que é a Brasília que quando tem aumento de gasolina, greve de caminhoneiros, sofre como o Brasil todo; e nós temos uma Brasília com indicadores sociais iguais a países como Uganda, um país que se chama da região do deserto do Saara.

Ora, também está comprovado, Deputado Fábio Felix, que existe uma concentração de renda muito grande em Brasília. Há uma desigualdade social e uma concentração de renda. E a concentração de renda... Ao contrário das teses de economistas que diziam que tinha que crescer o bolo para depois dividir... Isso não é verdadeiro. A questão da concentração de renda diminui o consumo, porque a partir do momento em que você não massifica o consumo, quanto mais pessoas tiverem capacidade financeira de consumir, mais a economia do estado ou do Distrito Federal cresce. Quanto mais concentrada a renda, menor o crescimento. Por quê? Quem tem dinheiro para comprar um carro ou uma televisão não vai comprar mais do



**CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL**  
**GABINETE DEPUTADO AGACIEL MAIA**

---

que necessita. A partir do momento em que você tem uma grande quantidade de pessoas com condições financeiras de consumir, a geração de emprego e renda é bem superior.

Outra análise é a concentração de renda x democracia, Deputado Fábio Felix. Quer dizer que nos países em se tem uma concentração de renda muito acentuada, o processo democrático também sofre uma distorção. Porque nós sabemos que o poder econômico também tem uma influência muito forte na eleição seja de deputados estaduais, distritais, federais, senadores, governadores etc.

Há uma grande preocupação com a média do tempo em que as pessoas de Brasília estão ficando desempregadas. As pessoas de Brasília estão ficando desempregadas – inclusive, as de nível superior – por mais de dois anos. Ao passarem dois anos desempregadas, essas pessoas ficam muito desanimadas. E elas também ficam fora do processo porque elas não se reciclam. São pessoas que vão se atrofiando do ponto de vista profissional. Quanto mais se demora a arranjar um novo emprego, mais os aspectos psicológicos e os aspectos da própria capacidade profissional começam a ser afetados.

Então, com essa série de informações, podemos concluir que a nossa cidade precisa de um processo de industrialização. O serviço público em si não é suficiente para que Brasília sustente um nível de emprego razoável. E nós ainda somos afetados pela maioria da conjuntura recessiva da economia brasileira. Nós temos que trazer indústrias sustentáveis para Brasília. O crescimento do serviço público de Brasília não acompanha o crescimento da população. Tenho feito discussões tanto na área da saúde como nas demais áreas. Não há como contratar a quantidade de servidores públicos proporcional à necessidade que se tem para atender ao crescimento da população de Brasília. Então, alguns mecanismos têm de ser utilizados para amenizar esse sofrimento. Hoje nós temos 330 mil desempregados em Brasília. É importante dizer, Deputado Fábio Felix, que é da área social, que o Brasil, graças a Deus, diferentemente da colonização espanhola, que tem sangue quente, é um povo pacífico porque, em uma cidade com 330 mil desempregados, o tecido social já era para estar esgarçado, já era para estar havendo saques. No entanto, nós brasileiros continuamos com a esperança de que amanhã vai ser um dia melhor.

É necessário, diferentemente das outras unidades da Federação, Sra. Presidente, Deputada Arlete Sampaio, que sejam tomadas algumas iniciativas fora do manual que normalmente os dirigentes, os governadores têm adotado. Há a necessidade de se fazer uma força-tarefa para buscar empresas. Tudo que consumimos hoje em Brasília vem de fora. Nós não produzimos um sabonete, um sabão, nada, tudo que é comprado, Deputado Chico Vigilante Lula da Silva, é feito fora; ou seja, não geramos empregos porque não temos fábricas.

Estão aí esses dados da Codeplan, que é um órgão do governo, que o próprio Governador Ibaneis tem à sua disposição, para que coloque um time bom para sair conversando, porque há muitos com dinheiro fora do Brasil querendo investir, principalmente em um mercado como Brasília, com esses indicativos de renda per capita alta, mas precisamos convencer essas empresas a virem para Brasília. Precisamos dar incentivos, a exemplo do que outros Estados estão dando para que essas empresas venham a se instalar aqui. É necessário tomar algumas ações importantes porque senão vai crescer cada vez mais o nível de desemprego, vai crescer cada vez mais a desigualdade, e nós não sabemos aonde vamos chegar nem até quando esse povo que amanhece o dia e não tem um litro de leite ou um biscoito para dar a seus filhos vai aguentar. Até quando nós vamos esperar por isso?

Muito obrigado.



*Discurso nº 04*

**Brasília, 18 de agosto de 2019**

Pessoal, boa tarde. Eu quero inicialmente cumprimentar o Sr. Presidente, Deputado Rafael Prudente, e os demais colegas pela iniciativa, pela construção, porque hoje nós estamos fazendo história aqui.

Eu queria cumprimentar todas as mulheres na pessoa da Maria Abadia, que está aqui. Levante-se, Maria Abadia. Ontem, foi você na Ceilândia; hoje é Goudim aqui no Sol Nascente e no Pôr do Sol. Quem está aqui em Brasília há mais de quarenta anos sabe exatamente da importância, Maria Abadia, que você teve para a construção da Ceilândia. Espero que você, Goudim, tenha a mesma inspiração da Maria Abadia, de luta pela construção da cidade.

Ora, pessoal, todos nós sabemos do que esta cidade precisa. Goudim, você tem que bater às portas do governo, dos Parlamentares que estão aqui, do Deputado Federal Julio Cesar, do ex-Deputado Federal Rôney Nemer e de outros Parlamentares que têm influência na União. Você tem que bater às portas para lutar, para trazer, junto com o Governador Ibaneis, fábricas sustentáveis para gerar emprego para as pessoas que têm mais de 18 anos.

Vá ao governo, Goudim, e peça, no programa de minha autoria, o Jovem Candango – por ele já passaram mais de 8 mil jovens, que estudam num turno e, no outro, vão aprender uma profissão de carteira de trabalho assinada, com todos os direitos trabalhistas –, 3 mil vagas para os jovens a partir dos 14 anos aqui do Sol Nascente.

Bata às portas seja da Secretaria de Saúde, seja do Ministério da Saúde, no Governo Federal, e peça, porque, pelos indicadores, existe população aqui para isso. Faça os projetos para que você traga saúde para essa população que precisa, porque, para infraestrutura e saneamento já existem dotações, só precisa agilizar para que esta cidade se transforme em uma cidade com infraestrutura decente.

Então, o que nós precisamos fazer pela cidade nós Deputados sabemos, mas muitas coisas Deputado não tem competência para fazer. E Deputado aqui não vai prometer o que não pode fazer. Deputado tem que lutar, e o Deputado Agaciel Maia quer te fazer um compromisso, não uma promessa – quem me conhece sabe que não sou homem de fazer promessa. No dia em que for publicado no Diário Oficial do Distrito Federal o que propõe esse projeto que nós estamos votando hoje, V.Exa. passe lá na Comissão de Economia, Orçamento e Finanças, no meu gabinete, que eu vou destinar 1 milhão de reais para V.Exa. fazer o que quiser aqui.

Então, isso é o que o Deputado pode fazer, e é esse o compromisso que estou assumindo. Muito obrigado.